

VISITA

Depois de passar quase três dias na capital que ajudou a conceber, o centenário arquiteto retorna, de carro, para a capital fluminense e se diz feliz por ter sido tão bem acolhido: "A lembrança que fica é generosa"

Niemeyer se despede de Brasília

RAPHAEL VELEDA
DA EQUIPE DO CORREIO

Oscar Niemeyer deixou Brasília mais uma vez. O homem que imaginou os monumentos que encantam milhares de brasilienses e visitantes todos os dias partiu após quase três dias de visita. O arquiteto que traçou em linhas leves na prancheta obras como a Catedral e o Congresso Nacional chega hoje ao Rio de Janeiro, onde vai comemorar seu 101º aniversário depois de amanhã. Na capital que o tornou mundialmente famoso, Niemeyer se encontrou com o presidente, com o governador e outras autoridades, mas deu atenção também ao cidadão comum.

Genete como o também arquiteto e admirador Paulo Henrique Paranhos, 50 anos, que, atarefado, não teve tempo de acompanhar toda a agenda do professor, como é chamado pelos mais próximos. Mesmo assim, na ansia de ver um ídolo, ele esteve ontem de manhã no Brasília Palace Hotel e conseguiu. Cumprimentou e conversou com Niemeyer. Falou de sua admiração por uma obra que se tornou universal e influenciou milhares de pessoas. "Claro que a gente fica tocado com a visita dele", reconheceu Paranhos. "Ele é uma vida viva, uma pessoa que genete no mundo inteiro admira. Quis vir aqui me despedir porque não sabemos se ele volta."

Mas a volta está prevista, pelo menos na palavra. Na quinta-feira, durante o lançamento da terceira edição da revista *Nosso caminho*, no Museu Nacional, Niemeyer disse ao vice-governador Paulo Octávio que pretende estar na cidade para comemorar os 50 anos da capital em 2010. Ontem, questionado

Ronaldo de Oliveira/CB/DA Press



AINDA NA MÃNHA DE ONTEM, NIEMEYER EMBARCOU NA MERCEDES E INICIOU A VIAGEM: VOLTA PROVÁVEL EM 2010

construído em 1957. A estrutura foi destruída pelo fogo em 1978 e restaurada a partir de 2001. Em seguida, ajudou a arrumar as malas com alguns presentes que ganhou e desceu rumo ao Mercedes Benz que o levaria de volta ao apartamento com vista para a praia de Copacabana. Quase entrando no carro, ao lado da esposa, Vera, ele deu uma breve entrevista ao Correio.

Balanco

que tudo está correndo bem", afirmou. "A cidade está se transformando, mas o plano do Lucio (Lucio Costa, urbanista da capital) ainda é respeitado", avaliou.

O professor foi assediado nos momentos em que teve contato com o público, como no evento do Museu Nacional, e foi muito simpático com todos. Tirou fotos, deu autógrafos e sorriu. Gostou de ver como é admirado por ter ajudado a construir uma cidade amada por tantos. "Senti que fui

sorrindo ao contemplar mais uma vez os monumentos que construiu no cerrado. Estava de óculos e olhava para o horizonte. A comitiva, formada por três carros, tomou o caminho da L4 rumo à Saida Sul e o mestre avistou sua obra preferida, o Congresso Nacional. Na altura da Ponte das Garças, a carreta fez uma tesourinha — outra marca da cidade — e partiu rumo à BR-040. A próxima parada seria apenas em Belo Horizonte, onde a

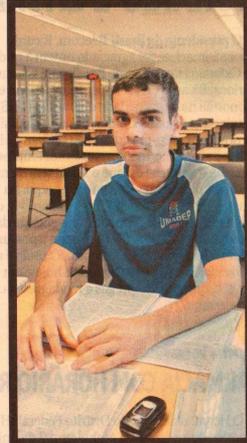
Poucos na biblioteca

O arquiteto foi embora, mas deixou de portas abertas sua criação mais recente, a Biblioteca Nacional de Brasília (BNB). O prédio foi aberto ao público sem ter o acervo liberado e com várias salas ainda em construção, mas já atrai visitantes. Cerca de 200 pessoas fizeram ontem o cadastro obrigatório para ter acesso à biblioteca, localizada perto da Rodoviária do Plano Piloto.

A sala de computadores conectados à internet foi o local mais procurado. Foi lá que o orientador educacional Sebastião Paulo dos Santos, 63 anos, passou sua primeira hora na BNB. Ele saiu de Taguatinga para prestigiar a nova atração da Esplanada dos Ministérios. "Eu me interessei porque a biblioteca é o reduto da minha profissão. Queria ver se tinha ficado boa e fiquei convencido que sim. Demorou mas está valendo a pena", elogiu.

Em três andares, a BNB oferece, além dos computadores, um espaço infantil cheio de tecnologia voltado à alfabetização digital das crianças; uma sala de exposições; uma cafeteria — ainda desativada — e um auditório para 85 lugares.

Paulo H. Carvalho/CB/DA Press



GILBERTO BARRETO, QUE SE PREPARA PARA CONCURSOS, APROVOU A SALA DE ESTUDOS

A maior parte do acervo de 50 mil títulos ainda não está nas prateleiras porque tudo passa por catalogação. A estrutura tem capacidade para 280 mil livros, que poderão ser consultados no local, mas não emprestados. As amplas salas de estudo, individual ou em grupo, já estão liberadas e começam a ser aproveitadas. Ontem, Gilberto Barreto, 24, ocupou uma das mesas e se dedicou a estudar para concursos públicos. "Vim conhe-

Mas a volta ainda prevista, pelo menos na palavra. Na quinta-feira, durante o lançamento da terceira edição da revista *Nosso caminho*, no Museu Nacional, Niemeyer disse ao vice-governador Paulo Octávio que pretende estar na cidade para comemorar os 50 anos da capital em 2010. Ontem, questionado pela reportagem do *Correio*, ele deu uma gargalhada e desconversou: "Quem sabe..."

Niemeyer acordou cedo, mesmo após participar de várias atividades nos dois dias anteriores. Tomou café no quarto do hotel que projetou e viu ser

umas malas com alguns presentes que ganhou e desceu rumo ao Mercedes Benz que o levaria de volta ao apartamento com vista para a praia de Copacabana. Quase entrando no carro, ao lado da esposa, Vera, ele deu uma breve entrevista ao *Correio*.

Balanço

Fez um balanço positivo da primeira visita ao Distrito Federal na gestão de José Roberto Arruda (ele aqui tinha estado três anos atrás) e mostrou otimismo quanto ao futuro da cidade. "Tinha pressa de vir a Brasília ver o que estava sendo feito. Mas vejo

tal) ainda é respeitado, avaliou. O professor foi assediado nos momentos em que teve contato com o público, como no evento do Museu Nacional, e foi muito simpático com todos. Tirou fotos, deu autógrafos e sorriu. Gostou de ver o que é admirado por ter ajudado a construir uma cidade amada por tantos. "Senti que fui bem acolhido", confessou. "Acho que é porque eu e meus colegas fizemos um bom trabalho. A lembrança que fica é generosa", disse ainda, sem esquecer os companheiros de trabalho.

Com certa dificuldade para andar, Niemeyer entrou no carro

A Brasília, formada por três carros, tomou o caminho da L4 rumo à Saída Sul e o mestre avisou sua obra preferida, o Congresso Nacional. Na altura da Ponte das Garças, a carreta fez uma teourinha — outra marca da cidade — e partiu rumo à BR-040. A próxima parada seria apenas em Belo Horizonte, onde a turma planejava dormir.

As 11h, o carro que levava Oscar Niemeyer passou pelo balão do aeroporto. O professor, que não anda de avião porque morre de medo, deixava mais uma vez para trás o céu azul da capital de todos os brasileiros.

do que sim. Demorou nos livros, está valendo a pena", elogia.

Em três andares, a BNB oferece, além dos computadores, um espaço infantil cheio de tecnologia voltado à alfabetização digital das crianças; uma sala de exposições; uma cafeteria — ainda desativada — e um auditório para 85 lugares. "Ainda estamos em um período de preparação, por isso abrimos nas férias. Mas, quando começar o próximo ano letivo, estaremos preparados para receber os estudantes", garante o diretor da biblioteca, Antonio Miranda.

280 mil livros, que poderão ser consultados no local, mas não emprestados. As amplas salas de estudo, individual ou em grupo, já estão liberadas e começam a ser aproveitadas. Ontem, Gilberto Barreto, 24, ocupou uma das mesas e se dedicou a estudar para concursos públicos. "Vim conhecer e estudar. Para mim é ótimo, fica entre minha casa e meu cursinho", comenta. A BNB comporta 400 pessoas sentadas — fica aberta das 9h às 21h, de segunda a sexta-feira, e das 9h às 18h, aos sábados e domingos. (RV)

CARTÓRIO MAURÍCIO LEMOS

Decisão do STJ beneficia tabelião

ELISA TECELES
DA EQUIPADO CORREIO

O Superior Tribunal de Justiça (STJ) acatou o pedido do tabelião Maurício Gomes de Lemos e anulou um dos julgamentos referentes a uma briga judicial iniciada em 2003. Lemos era titular do

cartório 1º Ofício de Notas e Protestos de Títulos, na Asa Sul, mas foi destituído após denúncia de fraudes em documentos. Com a decisão dos ministros da Primeira Turma, ele pode ganhar uma nova chance de disputar o direito à administração do cartório. A certidão de julgamento saiu

no último dia 4, mas ainda não foi publicada.

No processo que corre no STJ, Lemos questiona a maneira pela qual o advogado dele foi notificado na época de um julgamento em 2003. O representante de defesa teria sido avisado da sessão no tribunal apenas por telefone, o que não constituiria notificação válida. Nas decisões seguintes, os ministros foram contrários aos argumentos do tabelião, mas ele entrou com um embargo de declaração no STJ e conseguiu resultado favorável. Como o recesso do

órgão começa no próximo sábado, o novo julgamento só deve acontecer a partir de fevereiro de 2009.

Afastado

Lemos assumiu o cartório em 1960, sendo o primeiro tabelião nomeado em Brasília. Ele está afastado do negócio há cinco anos, mas pretende continuar lutando na Justiça pelo cargo. "Eu tenho de ir até o fim, não posso parar agora. Estou esperando a decisão do STJ para dar entrada no TJ (Tribunal de Justiça do DF e Territórios)", disse. Um resultado

positivo no STJ dará ao tabelião a chance de recorrer ao TJDFET e alegar prescrição das denuncias que o afastaram do cartório. Seja qual for a decisão, tanto Lemos quanto a União (outra parte do processo) podem recorrer ao Supremo Tribunal Federal.

A briga judicial teve início com uma fiscalização no 1º Ofício de Notas e Protestos de Títulos, em 2002, realizada pelo TJDFET e pelo Ministério Público do DF e Territórios. Os órgãos encontraram indícios de supostas irregularidades em escrituras de condomínios.

Uma escritura do residencial RK, em Sobradinho, foi considerada falsa por peritos da Polícia Civil. O documento teria sido usado no processo de regularização do condomínio. Mais de 20 parcelamentos teriam sido beneficiados. O caso começou a ser investigado depois de folhas soltas pertencentes a livros do cartório terem sido encontradas em gavetas do escritório. Naquele ano, um juiz da Vara de Registros Públicos recomendou a destituição do tabelião. Em maio de 2003, Lemos deixou o cartório.



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicaofreitas.df@diariosassociados.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

A FAVELA E OS PALÁCIOS

"Isto aqui está uma favela", o presidente Lula disse a Niemeyer, referindo-se ao Palácio do Planalto. "Tem que voltar a ser um palácio". E reclamou de divisórias, paredes e tetos mofados, gambiarras, problemas hidráulicos e puxadinhos. A reforma do Planalto está sob a responsabilidade do escritório de Niemeyer, do que se deduz que será feita respeitando as normas de restauração de bens do patrimônio histórico e artístico.

Cada puxadinho, gambiarra e divisória colocada no Planalto nos últimos 48 anos pelos ocupantes do palácio tem uma história para contar. Em geral, de gente que teve muita mão-vontade com a obra de Niemeyer. Até as emas do Palácio da Alvorada sabem que as obras do arquiteto daqueles anos 50/60 são belas, flutuantes e arrojadadas, mas são pouco funcionais.

Mas mesmo que fossem práticos como casas pré-moldadas ou pontes pênséis, e tivessem sido construídos com um pouco mais de tempo, mesmo que fossem perfeitos não apenas na forma, mas na função, os palácios de Niemeyer teriam sido maltratados pela má vontade de quem o

habitou por pura obrigação.

Quando o Brasil ficou moderno, ainda era muito antigo. Os brasileiros se encantaram com a audácia das formas que surgiam no Planalto Central, mas era como se estivessem numa viagem em um estrangeiro novo e desconhecido, uma Pompeia às avessas, no dizer de John dos Passos, escritor norte-americano dos melhores.

O Brasil dos anos 50/60 tinha uma elite intelectual e artística de dar gosto. Mas continuava a ter, como de resto ainda continua, uma elite política muito aquém daquelas duas outras. Somente a isso o desdém com a transferência da poder para Brasília.

O Brasil ficou moderno de uma dia

para o outro, mas a elite política ficou morrendo de saudade do Brasil do Palácio do Catete, obra sumtuosa, uma das mais importantes do estilo neoclássico — que perseguia a volta do classicismo dos templos greco-romanos.

Escravos participaram da construção do Palácio do Catete, junto com operários e artesãos brasileiros e portugueses. Projeto do arquiteto alemão Carl Friedrich Gustav Wahneldt, a obra do Catete durou quase duas décadas.

Tinha dupla função, o Catete: era sede do governo e moradia do governante, como rezava a tradição. Nele, Getúlio Vargas se suicidou em 1954. No ano seguinte, Juscelino se candidatou à

Presidência e abriu caminho para o Brasil moderno, o dos palácios transparentes, brancos, modernos ao extremo, porém com uma marca fortemente colonial: os avarandados das casas de fazenda.

O Brasil havia mudado, mas continuava a ser o velho e incorrigível Brasil. O Palácio do Planalto deixou no Rio a arquitetura pesada, de herança europeia. O Palácio do Catete virou história, rica e divertida história. (Sugiro, para quem gosta do tema, a leitura do recém-relançado *História de presidentes*, de Isabel Lustosa).

O Palácio do Planalto é o símbolo de um país que quis se reinventar. E acabou virando favela.